

II Exército anuncia: desbaratado o comando da VAR-Palmares

o jornal 17.10.70

S. PAULO — Em extenso comunicado distribuído ontem à imprensa, a Operação Bandeirantes revelou que conseguiu desarticular a VAR-Palmares em São Paulo, depois de sua reorganização por Carlos Franklin Paixão de Araújo, o "Max", que passara sete meses realizando esse trabalho. Quarenta rapazes e moças que formavam o Comando Regional foram identificados: 24 foram presos e 16 continuam foragidos. Dez dos presos foram libertados, por autorização do Comandante do II Exército.

O comunicado — liberado para divulgação no rádio, televisão e jornal depois da meia-noite de ontem — informa que

"Max" recebera em fevereiro no Rio de Janeiro a tarefa de reorganizar a VAR (Vanguarda Armada Revolucionária) — Palmares de São Paulo, mas a 12 de agosto foi preso nesta capital. Depois de sua prisão, houve uma cisão no grupo, cujos dissidentes também fugiram. Nos aparelhos da organização, "Max" reunia-se com outros dirigentes do movimento, entre eles Yara Iavelberg, companheira de Carlos Lamarca.

Um dos objetivos da VAR-Palmares era desencadear guerrilhas rurais a partir do Município de Imperatriz, Maranhão, onde o grupo havia comprado 200 quilômetros quadrados de terra. Documentos apreendidos pelas autoridades revelaram como

era o organograma do grupo, que tinha setores de Inteligência, Estudantil, Imprensa, Operário, ABC (Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul), São Paulo, Osasco e Interior, além do Comando Regional.

Os pais de alguns dos jovens implicados sem maior gravidade — que foram libertados ontem — vão falar por uma rede de televisão de São Paulo na noite de segunda-feira. No vídeo-tape, os pais afirmam que "seus filhos receberam tratamento humano no órgão de segurança onde estiveram recolhidos". Uma funcionária do Juizado de Menores também testemunhou que eles não sofreram violência.

O texto do Comunicado

Em janeiro deste ano, o Centro de Operações de Defesa Interna (Operação Bandeirantes), conseguiu desarticular a VAR (Vanguarda Armada Revolucionária) — Palmares, em São Paulo. No dia seguinte, Carlos Franklin Paixão de Araújo, o "Max", recebeu a tarefa, no Rio de Janeiro, de reorganizar a organização subversiva em nosso Estado. Durante sete meses, "Max" trabalhou ativamente, conseguindo reunir adeptos, principalmente na área estudantil. Mas no dia 12 de agosto passado, o DEOPS conseguiu prender o dirigente regional da VAR-Palmares em São Paulo, iniciando novamente a desarticulação do movimento de extrema-esquerda radical em São Paulo.

Quarenta jovens, de ambos os sexos, foram identificados pela Operação Bandeirantes. Esses elementos formavam o comando regional, nos setores de inteligência, estudantil, imprensa, operário, interior e subsectores. Vinte e quatro dos envolvidos foram presos, 16 continuam foragidos. Dez dos presos foram libertados, porque sua implicação com o movimento não justificavam prisão preventiva: responderão a processos judiciais em liberdade, por autorização do general José Canavieiro Pereira, comandante do II Exército, que tomou a decisão após ouvir órgãos de Segurança e de Informação.

"Prêso "Max", o movimento que ele organizara em São Paulo cindiu-se. A ala dissidente era liderada por Adilson Ferreira da Silva ("Ari" ou "Oswaldo"), coordenador e membro do comando regional, que contava com mais de oito membros. Os membros da cisão continuam evadidos. O "Racha" ocorreu em setembro, no setor de operações.

OS OBJETIVOS

Reorganizando a Val-Palmares em São Paulo Carlos Franklin Paixão de Araújo pretendia conseguir a conscientização das massas, visando seu apoio à guerrilha rural e integração ao Exército Popular Revolucionário, seguindo as orientações do comando nacional, que escolheu para o desencadear das guerrilhas rurais na região de Imperatriz no Maranhão, onde o movimento adquirira 200 quilômetros quadrados de terra. O movimento armado nas áreas rurais só se-

ria iniciado quando a sustentação urbana — preparação das massas — estivesse pronta. Esta era a tarefa das seções regionais de São Paulo, Guanabara, Minas Gerais Bahia e Rio Grande do Sul.

"Max" foi a pista inicial. A partir dele as autoridades intensificaram as diligências, localizando e desbaratando vários aparelhos, que resultaram na prisão de 24 elementos e identificação de outros 16. Nos aparelhos foram apreendidos armas, munições, material de caráter subversivo e documentos que comprovam que 20 mil dólares revertidos em cruzeta de Cr\$ 150.000,06, foram emprestados a juros de 3 por cento ao mês. Essa quantia foi aplicada por um grupo de simpatizantes composto de Victor Carlos Casabona («João» ou «Maurício»), Carlos Eduardo Pellegrini Di Pietro («Marcelo»), Geraldo José Cobre Covre («Cláudio»). Todos estão presos. A preocupação das autoridades, agora, é recuperar o dinheiro.

A «operação aliciamentos» desenvolvida a partir de fevereiro deste ano visava especialmente a área estudantil secundarista. Inicialmente — segundo depoimentos de elementos da cúpula — os preceitos religiosos da pessoa aliciada eram desfeitos fase em que os terroristas não diziam que o movimento era comunista ou subversivo, mas como uma organização que pretendia lutar pela igualdade dos homens e solucionar problemas nacionais. A doutrinação, paulatina, era desenvolvida quando os pais não podiam vigiá-los.

A CLANDESTINIDADE

Doutrinados, os elementos aliciados eram aconselhados a deixar a vida normal e entrar em atividades clandestinas, afastando-se da família. A clandestinidade interessa à VAR-Palmares, como a outros grupos de extrema-esquerda radical, porque nessa condição o jovem passa a depender do esquema de proteção que lhe é oferecido.

As primeiras missões são relativamente simples: levantamento da rotina de bancos, da vida de uma personalidade que pretendem raptar, o desenho do quadro topográfico de locais visados para assalto ou seqüestro. Passa, depois, a ser

motorista ou vigia e, finalmente, assaltante. A essas alturas, tendo infringido dispositivos da lei comum ou da lei de segurança nacional, sua vida se restringe aos «aparelhos», não podendo se comunicar com ninguém «estranho» ao grupo. A seguir, o elemento recrutado era levado para Altamira (Maranhão), para treinamento de guerrilha, ou se especializava em assaltos.

Convencido de que se for preso será torturado ou submetido a maus tratos, ele está disposto a reagir violentamente quando o seu «aparelho» for atingido. A morte de jovens, nessas condições, é considerada heróica — ele passa a ser mártir e herói da luta contra a ditadura e o imperialismo». Entretanto, desvinculado das famílias, na clandestinidade, sua morte não desampara familiares, como ocorre com a morte dos elementos dos órgãos legais.

As reuniões de que participavam os 24 elementos presos, em aparelhos de São Paulo e do Rio, compareciam nomeadamente importantes do esquema terrorista, como Yara Iavelberg (companheira de Carlos Lamarca), Ilda Padiga de Andrade («Sônia») e Maria Cora Reis Sacomani.

ELEMENTOS PRESOS

Os nomes dos dez jovens libertados pelo II Exército não foram divulgados, para não marcá-los, constando apenas os seus nomes de guerra. Os documentos apreendidos pelas autoridades revelam o organograma da Var-Palmares em São Paulo.

Comando regional — Carlos Franklin Paixão de Araújo (Max), preso; Raul de Moura Elwangej (Gaspar ou Juca) fugiu para o Paraguai; Maria Celeste Martins (Léa ou Sílvia), presa.

Setor de inteligência — Coordenador: Carlos Franklin Paixão de Araújo, preso; Roberto Bielawski (Sérgio) evadiu-se para a Europa; Pedro Farkas (Maurício) — preso; Alfredo Schneider (Alberto), preso; Josefina Bacarica, (Rose), presa; Eduardo Ribeiro Ralston (Mário), preso.

Setor estudantil — Raul de Moura Selwanger (Gaspar), coordenador, preso; Pércio Arida (Repato) preso; Maria Teresa Nogueira Muciel (Ana); presa; Marcos Sokol (Miguel), foragido; André Veufier (Mário); foragido; Luiza, Manuela, Cel-

so, Helena, Sônia e Marta foram presos e libertados ontem.

Setor de imprensa — Maria Celeste Martins (Léa), coordenadora, presa; Zeh, foragido; Osmivaldo Bronze Mendes (Daniel), preso; Rafael, preso e libertado ontem.

Setor operário — Vera ou Sheyla, coordenadora, foragida; Jurema Augusto Ribeiro Valença (Maria), coordenadora, presa.

Subsetor do ABC — Vera ou Sheyla, coordenadora, foragida; Fábio, foragido.

Subsetor de São Paulo — Jurema Augusto Ribeiro Valença (Maria), coordenadora, presa; Carlos José Sarno (Sívio), preso; Antônio Gregório (Quincas ou Dalvo), preso.

Subsetor de Osasco — Jurema Augusto Ribeiro Valença, coordenadora, presa; José Evangelista (Chinês), preso.

Setor do interior — Maria Celeste Martins («Léa»), presa, «Floriano», preso e libertado ontem, «André» foragido; «Edison», preso e libertado ontem.

Os dez jovens presos e libertados ontem pelas autoridades não praticaram nenhuma ação de vulto. Por esta razão foram entregues aos pais e as autoridades permitiram apenas a divulgação de seus pseudônimos. O objetivo principal da medida é a sua reintegração na sociedade, fora do esquema de terror e subversão.

VIDEO-TAPE

Segunda-feira, às 22:30 horas, todas as emissoras de televisão de São Paulo entrarão em cadeia para transmitir um vídeo-tape gravado com os pais de alguns dos jovens presos e libertados. Respondendo a perguntas formuladas por jornalistas, disseram que a «verdade é que os nossos filhos foram intoxicados pela doutrina comunista». Um pai explica que sua filha lecionava religião num estabelecimento de ensino até janeiro passado. Outro que recorreu às autoridades militares para localizar a sua filha, que suspeitava estar participando da subversão. Os pais entrevistados frisaram que seus filhos receberam tratamento humano no órgão de segurança onde estiveram recolhidos. A sra. Zuleika Suepira, do Juizado de menores, explicou que, conversando com os jovens detidos, verificou que não haviam sofrido violência».

Marinha condena reis do roubo de bancos

O Conselho Permanente de Justiça da 1ª Auditoria da Marinha condenou a cinco anos de reclusão os réus Nilton Leão Duarte e Jorge Armando Júnior, a três anos os estudantes Paulo Henrique de Oliveira, Rocha Lins e Frederico Eduardo Mayr, e a um ano Flávio de Carvalho Molina, todos acusados de roubar carros para a prática de assaltos a bancos.

Na Primeira Auditoria do Exército foram absolvidos, por unanimidade, os 21 acusados de tentar reorganizar o extinto Partido Comunista Brasileiro nos municípios de Nilópolis e Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro. Durante a sustentação oral da acusação, o pro-

motor Eudo Guedes Pereira pediu a desclassificação do delito para o artigo 9.º da antiga Lei de Segurança Nacional, sob o fundamento de que não chegou a existir a tentativa de modificar a ordem social por meios violentos.

A defesa, a cargo dos advogados Osvaldo Mendonça, Paulo Argueles, Rosa Maria Cardoso, Jurandir Marcos Arantes, Manuel Francisco de Lima e Modesto Silveira, sustentou e conseguiu provar a inexistência de fundamentação que justificasse a condenação e que o crime previsto na Lei 1.802 — reorganizar o Partido Comunista — já estava prescrito. O juiz Milton Fiuza assistiu o julgamento.

ABSOLVIDOS

Os réus absolvidos foram os seguintes: Antônio Lopes Gonçalves, Gastão Santos, Miguel Engrácio da Silva, Euclides Dias Leal, Argemiro Fernandes Moreira, Diogo Soares Cardoso, Ismael Ramos, Pedro Gomes Morais, Elzio Ramalho, Bráulio Rodrigues da Silva, Wanderlino Coelho de Oliveira, Hildebrando Machado de Araújo, Waldemiro Valentim de Souza, Sebastião Armando dos Santos, Ulisses Joaquim da Silva, Alvíno Alves dos Santos, José Euzébia da Silva, Alípio José da Fonseca, Wallace Batista de Farias, Luís Bernardes Farias e Telino Basílio do Nascimento.